

TEMP(L)O DA SALVAÇÃO: REPRESENTAÇÕES DA MORTE E RITOS FÚNEBRES NO SERIDÓ NOS SÉCULOS XVIII E XIX¹⁴

Alcineia Rodrigues dos Santos¹⁵
e-mail: annaneia@yahoo.com.br

Partindo da análise dos registros paroquiais de óbitos e testamentos da Freguesia de Sant'Ana do Seridó¹⁶, esta pesquisa busca fazer o estudo do imaginário e das atitudes, perante a morte, dos ritos fúnebres do Seridó nos séculos XVIII e XIX.

Dessa forma, as preocupações com o destino da alma, a preparação da morte e os rituais fúnebres, no Seridó dos séculos XVIII e XIX, constituem o ponto de partida deste estudo. Buscamos focalizar o lugar da morte e o tratamento dado ao corpo e à alma, tendo como foco principal a forma de lidar com a salvação mediante o enterramento no interior dos templos católicos.

A *história da morte*, desde muito tempo, tem sido objeto de amplas pesquisas na historiografia europeia, começando na França, berço dos estudos sobre as atitudes do homem em torno de sua *viagem derradeira*. A partir de então, surgiu um grande contingente de estudos, de pesquisadores que fazem parte da terceira geração dos *Annales*, como Michel Vovelle, Pierre Chaunu e Philippe Ariès¹⁷. Assim sendo, a *histoire de la mort* adquire, na Nova História, um espaço significativo. Na verdade, “a morte representa uma variante ideal e essencial na experiência humana. É um invariante relativo, todavia, visto que as relações dos homens com a morte se alteram, como também a maneira como ela os atinge, embora a conclusão permaneça a mesma: é a morte”(VOVELLE, 1991, p. 128/129).

46

¹⁴ Título original da Dissertação de Mestrado defendida pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em outubro de 2005, sob a orientação do Professor Dr. Alípio de Souza Filho

¹⁵ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás, Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, sob orientação da professora Dra. Maria Elizia Borges.

¹⁶ Segundo Olavo de Medeiros Filho, “o território, outrora representado pela Freguesia da Gloriosa Senhora Santa' Ana do Seridó – criada no ano de 1748 – compreendia, na sua extensão, áreas pertencentes às então capitânicas da Paraíba e Rio Grande do Norte. Dele fazia parte o sistema hidrográfico formado pelos rios Seridó e Espinharas.” MEDEIROS FILHO, 1983, p. 9.

¹⁷ BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1994. A partir de 1975, quando o historiador Philippe Ariès publicou na França a obra *Essais sur L'histoire de la mort em Occident*, os assuntos relacionados ao tema despertam interesses por parte dos pesquisadores. Nesse momento, o autor trouxe a público algumas de suas conclusões de um trabalho que havia iniciado na década de 1960 e que era apenas um esboço de pesquisas maiores que futuramente surgiriam.

Estudar a morte não é fácil, principalmente porque nos coloca diante de um assunto – ou situação – com o qual não nos sentimos bem. Contudo, o delineamento das representações em torno deste tema se faz necessário para a compreensão da vida social e cultural de determinado grupo humano. Entender as atitudes diante da morte e os rituais desta remete-nos à compreensão de dada sociedade, mediante suas representações simbólicas, indicativos que necessitam ser entendidos e desvendados, posto que têm um sentido e uma razão de ser.¹⁸

Os estudos que compreendem a morte como acontecimento social e, mais do que isso, as pesquisas em relação às representações acerca do *bem morrer* principiam com Ariès, especialmente dentro das idéias e novas abordagens da terceira geração da Escola dos *Annales*.

Algumas escolas antropológicas se debruçam sobre os estudos da morte e dos rituais que a rodeiam. Para os evolucionistas, cujo expoente é Eduard Taylor, há uma tentativa de enfrentar esse momento. O ponto de vista funcionalista, defendido por Durkheim, demonstra que os ritos fúnebres e as práticas mortuárias se dedicam ao fortalecimento da estrutura social de cada grupo, afirmando que o sistema religioso converge para a preservação do próprio social. No pensamento de Clifford Geertz, o discurso sobre a morte remete essencialmente às perspectivas religiosas.

A expressão obrigatória dos sentimentos, obra de Marcel Mauss (1980) que trata dos rituais funerários nos cultos australianos, demonstra que todos esses rituais são fenômenos sociais “marcados eminentemente pelo signo da não espontaneidade, e da obrigação mais perfeita” (MAUSS, 1980, p. 235). Esses signos, transportados para nossa pesquisa, podem ser entendidos como as formas de socialização da morte; são eles: o choro – ato de carpir o morto –, os cânticos – ladainhas e *incelências* –, o *beber o morto*, os cortejos fúnebres, dentre outros, devendo ser observados como expressões naturais e dessa forma compreendidos.

A ideia de construção de um estudo que contemplasse o tema que escolhemos emergiu a partir de nossas indagações acerca de algumas ações desenvolvidas por familiares e amigos quando da morte de um dos nossos entes

¹⁸ *Representação* aqui está sendo tomada seguindo a abordagem dada por Jodelet (2001), a qual considera que as representações sociais se constroem em função da vida social. São interpretações sobre algo construído, organizadas pelo real. Nosso pensamento ainda busca as perspectivas de Durkheim (2003) – *As formas elementares da vida religiosa* –, partindo do pressuposto de que a vida social é feita fundamentalmente de representações.

queridos; contudo, nosso contato com o Laboratório de Documentação Histórica – (LABORDOC)¹⁹ – durante o curso de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), em 1998, tornou-se fundamental para a concretização de tal iniciativa.

Junto ao desejo de desvendar os mistérios que permeavam o imaginário em torno da morte no Seridó, surgiu a oportunidade de pesquisarmos uma vasta documentação oriunda da Comarca de Caicó – RN, documentação que hoje está sob a custódia judicial do referido laboratório, tendo sido catalogada, encontrando-se ultimamente em processo de digitalização. Essa documentação foi repassada ao LABORDOC para se evitar que fosse incinerada. Dentre os documentos catalogados, foram encontrados testamentos e inventários *post mortem*, base de conhecimento que trazia elementos essenciais ao desenvolvimento de um estudo sobre as representações da morte, principal objeto de nossas indagações. É o caso, por exemplo, das atitudes elencadas por cada indivíduo, em vida, com vistas à sua salvação.

Sob a orientação do professor Muirakytan Kennedy de Macedo, da UFRN/CERES/DHG, desenvolvemos pesquisa nos arquivos da Paróquia de Sant'Ana, onde entramos em contato com a documentação eclesiástica do Seridó referente aos séculos XVIII e XIX. São registros de batismo, casamento e termos de óbito da antiga Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Anna do Seridó que compreendem o período de 1788 a 1913.

Nossa pesquisa utiliza, especialmente, os assentos de óbitos. O período escolhido para este estudo (1788 a 1856) envolve o último período de enterramento nas igrejas, prática essa que será abordada mais adiante.

Procuramos apoiar nosso estudo nas perspectivas da Nova História Cultural, que nos apresenta o conceito de *circularidade cultural* e o *método indiciário* (GINZBURG, 1987/1989). A obra *O queijo e os vermes*, por exemplo, nos dará suporte para pensarmos a cultura funerária seridoense dos séculos XVIII e XIX, através da *circularidade cultural*, que entende a cultura como um conjunto de reelaborações culturais constantes. Carlo Ginzburg (1987) reconstrói a história de Domenico Scandella, moleiro friulano conhecido como Menocchio, condenado como

¹⁹ Laboratório de pesquisa histórica, ligado ao Departamento de História e Geografia (DHG) do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. O LABORDOC apresenta-se como um espaço de pesquisa e ensino. Nele, encontramos os testamentos e autos de contas, fontes analisadas em nosso estudo.

herege pela Inquisição papal no século XVI e que foi queimado por ordem do Santo Ofício. Assim, a abertura de dois processos instaurados contra o moleiro dá suporte a uma valiosa averiguação da cultura das classes subalternas na Idade Média. Nessa obra, Ginzburg observou que o conceito de cultura como "o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas em um certo período histórico é relativamente tardio e foi emprestado da Antropologia cultural" (GINZBURG, 1987, p. 16-17) Nesse sentido, ele analisa até que ponto acontece o processo de alternância cultural entre as classes subalternas e as hegemônicas, numa influência recíproca entre essas duas camadas sociais.

Lançando mão desse aporte, nossa pesquisa buscou investigar, a partir dos assentos de óbitos e testamentos da Freguesia de Sant'Ana, até que ponto práticas culturais populares ou hegemônicas imbricam-se na sociedade seridoense dos séculos XVIII e XIX. Tais dispositivos nos permitem pensar a *circularidade cultural* também nas representações em torno da morte, pois temos certo que o imaginário seridoense em torno da morte é uma herança da cultura cristã europeia que nos colonizou, embora possamos encontrar outros elementos culturais fusionados. Desse modo, buscamos examinar essa noção de cultura, e sua difusão, entendendo-a como inserida nesse processo de reelaboração dos saberes e valores pelas sociedades.

Nos últimos anos, a Nova História Cultural tem procurado compreender quais os significados da morte nas mais distintas culturas. Estudiosos, como Philippe Áries, reconstroem as atitudes que as populações europeias tinham diante do fim da vida. Nossa pesquisa evidenciou que as atitudes das populações da Idade Média perante o ato de *bem morrer* estão presentes nas representações acerca da morte da população seridoense, a qual também buscou a salvação de sua alma por meio dos rituais de absolvição das faltas terrenas. O entendimento dessas práticas ligadas à *boa morte* foi motivado por significações culturais condicionadas pelo catolicismo, processadas por meio de uma construção social e reforçadas pelo processo da circularidade cultural.

Dessa forma, justifica-se nosso interesse pelo método de pesquisa utilizado nessa nova forma de abordar os eventos históricos, em especial pela *circularidade cultural*, por pretendermos fazer uma reflexão sobre as relações culturais e seus significados impostos ou reelaborados, diante dos costumes fúnebres. Nosso interesse pelo fato é justificado, ainda, pelo fato de, entre os novos

modelos historiográficos, ser, precisamente, a Nova História Cultural que melhor consegue trazer novos ares ao trabalho do historiador. Na verdade, a produção baseada na história cultural

[...] corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob forma de livros e artigos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras. (PESAVENTO, 2004, p. 7-8).

Nesse contexto, nosso estudo apresenta legitimidade acadêmica e científica, na medida em que está incluso nas abordagens ancoradas na nova historiografia brasileira, ligadas ao estudo da cultura e das representações sociais, inserindo nos estudos acadêmicos atores e objetos pouco problematizados.

Quanto ao *método indiciário*, trata-se do trabalho *arqueológico* de retorno aos vestígios humanos culturais e materiais da história passada. Para Ginzburg, “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade completa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152). Sendo assim, as práticas funerárias encontradas na documentação e no imaginário seridoense seriam *índices* da forma como as representações em torno da *boa morte* se deram, e nossa interpretação uma possibilidade sustentável para sua explicação.

A investigação das atitudes perante a morte no Seridó tem sua motivação na percepção que temos compartilhado de como os vivos viam a morte e como preparavam suas despedidas da vida terrena. Nossas inclinações a esse estudo foram também determinadas pela constatação de lacunas existentes na historiografia norte-rio-grandense sobre o assunto. Segundo anotamos em outros pontos deste trabalho, existem poucas pesquisas que versam sobre o tema. No entanto, estas tratam das representações da morte no Seridó antigo e no contemporâneo, deixando uma lacuna historiográfica quanto ao estudo do imaginário em torno da salvação da alma mediante o enterro no interior das igrejas, o que nos motivou a dar continuidade ao estudo e contribuir para a historiografia regional, especialmente sobre o Seridó.

Nosso levantamento consistiu na coleta de dados em registros de óbitos e testamentos, fazendo uso do *método indiciário*. Os registros de óbitos nos mostram como eram tratados os mortos, apresentam o *rol* das *causas mortis*, além de nos permitirem construir uma estatística dessas mortes. Neles, podem-se verificar as principais atitudes perante a morte, elencadas a partir da apresentação do hábito mortuário, do recebimento ou não dos sacramentos cristãos (católicos), culminando com o desejo de salvação expresso pelo lugar destinado ao sepultamento.

Os livros de óbitos referentes ao Seridó – do arquivo da Paróquia de Sant’Ana – perpassam o período de 1811 a 1913, num total de cinco exemplares. O conteúdo de informações dessa importante fonte documental será mais detalhadamente analisado nas páginas seguintes deste estudo, quando incursionaremos pelos assentos constantes em três desses códices (1788 - 1811; 1812 - 1832; 1856 - 1857).

Por sua vez, os testamentos se mostram como documentos essenciais à (re)construção do imaginário em torno da morte, haja vista apresentarem os desejos dos vivos, em suas expectativas em relação à sua morte. Aspectos como a encomendação da alma à corte celeste, pedindo a intercessão desta, inclusive para uma *boa passagem*; o pagamento de dívidas a credores tanto humanos quanto divinos; a convocação dos párocos a dizerem missas pela alma do morto; a indumentária mortuária; e o enterramento no espaço sagrado das igrejas demonstram a preocupação que o seridoense tinha com a morte e com o além-morte. Os manuscritos, que nos revelam a dimensão das representações em torno da morte no Seridó, trazendo elementos do imaginário da população da Freguesia de Sant’Ana nos séculos VXIII e XIX, através de acervos materiais e legados pios dos mortos, foram coletados em sua forma original, obedecendo à grafia da época, inclusive com as abreviações. Optamos também por fornecer uma amostragem da documentação nos anexos da pesquisa.

Os procedimentos metodológicos adotados na realização desta pesquisa buscaram inspiração teórica na Escola dos *Annales*, que, sem deixar de utilizar as fontes ditas como oficiais, insere novos objetos no estudo historiográfico. Nossa pesquisa procura analisar as vozes emergentes nos documentos históricos, fundando-se na reflexão de dados, a partir de uma história que compreende o homem e seu mundo de acordo com as percepções que o indivíduo tem do real. Assim, como recurso metodológico para a compreensão do tema, realizamos

pesquisa de campo no LABORDOC/CERES/UFRN como também no acervo documental da Freguesia de Sant'Ana do Seridó, hoje Paróquia de Sant'Ana, ambos em Caicó-RN. Também referentes aos séculos XVIII e XIX, motivada pela obstinação em coletar ainda mais subsídios para realizar nosso trabalho, percorremos o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em Natal, e o Museu Histórico do Homem Sertanejo, localizado na cidade de Acari - RN, e algumas igrejas da região do Seridó.

O manuseio da documentação foi orientado pelo *método indiciário*, sendo as informações coletadas em sua forma original. Especialmente para o caso dos registros de óbitos, foi montado um banco de dados, através do *microsoft acess*. Para o manejo dos testamentos e autos de contas, obedecemos ao sistema de catalogação existente no arquivo do próprio laboratório.

Assim, foi possível iniciarmos o processo de análise das informações contidas nesses documentos, que se revelaram como fontes essenciais ao entendimento de toda a constituição cultural em torno das práticas do *bem morrer*. Com esse material em mãos, tendo feito uma série de leituras sobre a temática e com a orientação do professor Alípio de Souza Filho, pudemos, então, traçar nosso plano de estudo e desenvolver o trabalho. A análise do material selecionado possibilitou-nos investigar a maneira como a população seridoense dos séculos XVIII e XIX encarava a morte e como, durante esse período, se preparava para ela.

No período ao qual se refere nossa pesquisa, a configuração social e religiosa, no Seridó e em diversas partes do Nordeste, era limitada às concepções do pensamento cristão católico, o que motivava às diversas atitudes da população do lugar perante o ato de morrer. Essas práticas ficaram registradas na documentação que utilizamos para a construção desta pesquisa.

Na busca dos objetivos propostos em nossa pesquisa, nos valeremos de alguns trabalhos voltados à história do imaginário em torno da morte. Nos últimos anos, a Nova História Cultural procurou retratar as diferentes práticas culturais e históricas em torno da morte, um projeto que rendeu importantes obras sobre o assunto. O estudo de Philippe Ariès (1989) reconstrói as atitudes que as populações europeias tinham para com a morte na Europa Ocidental da Idade Média, trazendo-as à atualidade. Segundo Ariès (1989), a morte é um acontecimento social: as práticas que envolvem o ato de morrer são socialmente construídas, sendo condicionadas por representações ligadas às culturas, religiões etc. Traçando uma

linha historiográfica no tratamento da morte desde a Idade Média ao século XX na Europa Ocidental, Ariès (1989) sustenta que, na Idade Média, os mortos eram enterrados no interior das igrejas, espaço sagrado, próximo aos túmulos de santos, *local de bom descanso*.

Na interpretação de nossos dados, fazemos uso de distinções propostas por Philippe Ariès e Michel Vovelle, que nomeiam os estados de morrer como *morte domada*, *a morte de si mesmo*, *morte do outro* e *morte interdita*, e/ou *morte sofrida e vivida*, distinções de que podemos lançar mão para fazer a cartografia da morte no Seridó. Convém aqui ressaltarmos que a vivência da morte na Freguesia de Sant'Ana converge para um conjunto de valores nos quais estão imbuídos os níveis de desenvolvimento em relação às representações e o imaginário em torno da morte, que se encaixam nas distinções de *morte coletiva*, ou seja, *morte domada*, *sofrida* e *vivida*, pois o seridoense não tinha a ideia de uma morte solitária: seus últimos momentos eram vividos com parentes e amigos.

Ao estudar a morte no Ocidente, Ariès (2003) reafirma sua preocupação em compreendê-la na sociedade cristã. Nesse sentido, percebemos que as atitudes diante da morte são distintas. Ele se preocupa em analisar o sentido dessas atitudes. Inicialmente, analisa a *morte domada*, aquela morte de que se tem um aviso prévio (uma doença, por exemplo), necessário para que o indivíduo não morra sem ter consciência de seu fim. Diante da certeza do fim, o moribundo iniciava suas providências para uma *boa viagem*. A morte, no entanto, era tida como natural e esperada no leito, uma cerimônia pública, organizada pelo próprio moribundo e seus familiares. Os rituais funerários eram aceitos com simplicidade e, desse modo, cumpridos, o que dava ao agonizante a certeza de que teria sua alma conduzida à salvação. Nesse momento, o indivíduo não podia ficar isolado; seu quarto se tornava público: convidavam-se parentes, amigos e vizinhos. A presença de todos tinha importância singular para o testemunho das ações do indivíduo no profícuo caminho ao eterno. Havia toda uma preparação: o moribundo deixava escrito nos testamentos para quem iriam ficar seus bens, numa prestação de contas tanto a credores humanos como aos divinos (santos, igrejas e religiosos). Assim, a morte se apresentava como coletiva e familiar, além de natural.

Contudo, essa *morte domada*, começa a se modificar a partir dos séculos XI e XII e, a essa nova percepção Philippe Ariès (2003) chamou de *morte de si mesmo*. Este novo *estado de morrer* seria traduzido pelo reconhecimento que o

homem tinha de si. Nesses termos, a morte ganhava sentido de recuperação da vida, uma vez que, através de uma *boa morte*, se resgatavam os erros cometidos durante a existência terrena.

A morte, portanto, levava o indivíduo a pensar. O cadáver em decomposição sinalizava o fracasso do homem e permitia que este observasse o fim da vida como única e melhor maneira de tomar consciência de si. Logo o homem passa a se preocupar não somente com sua morte, mas, principalmente, com aquilo que virá depois e, a partir daí, busca encaminhar sua alma à salvação, através de ritos de absolvição de seus pecados – orações, doações às igrejas e irmandades, encomendação do morto, missas, testamentos, dentre outras formas de fugir do julgamento final.

Philippe Ariès (2003) ainda teoriza sobre a *morte do outro*, quando o homem ocidental procura um novo sentido para a morte. A partir de então, o indivíduo se desprende um pouco mais de seu fim, sendo a morte do outro mais cultuada. Sentimentos de saudade e lembrança propiciam um novo culto à morte, o culto aos túmulos e aos cemitérios, que passam a ser o espaço dos enterramentos modernos.²⁰ Um fenômeno importante, e que Philippe Ariès (2003) não deixou de destacar, é que a morte, a partir do século XVI até o século XVIII, ganha um sentido diferente: o mundo do imaginário. Nesse período, ela passa a ser erotizada, associada ao amor literário, ao querer o outro para sempre consigo (a imortalidade). *A morte do outro* mostra que não admitimos a separação.

Todos esses traços foram se modificando ao longo do século XIX, de modo que a Igreja Católica perde espaço para os saberes médicos. A morte passa a acontecer nos hospitais, longe do convívio coletivo: presencia-se *um deslocamento do lugar da morte*. O hospital passa a ser o lugar onde se encontram cuidados que a casa já não mais oferece. No entanto, essa morte não terá mais o domínio do moribundo. Os médicos se resguardam em falar da morte, e a intervenção dos amigos não se faz mais necessária. A família deve silenciar, fingindo estar confiante, para que o moribundo não perceba a gravidade do caso. A morte sai do leito de casa, ambiente privado, para os hospitais.

²⁰ João José Reis nos traz uma reflexão a respeito da construção dos primeiros cemitérios brasileiros, motivados pelo discurso médico-higienista frente às epidemias de *colera morbus* que devastaram a população provincial do Nordeste, a partir de 1851. REIS, João José. **A morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX, 1999, p. 13 – 48.

No Brasil, a preocupação com o *bem morrer*, conforme João José Reis (1991; 1999), aparece já na Colônia. A crença na imortalidade da alma e em que, ao morrer, o indivíduo poderia passar pelo purgatório, a fim de se purificar, fazia com que existisse toda uma preocupação com a *boa morte*. A simbologia que envolvia a morte era tida como uma maneira de promover uma boa viagem para o outro mundo. Em *A morte é uma festa*, João José Reis (1999) revela que, no século XIX, as atitudes perante a morte tomam novas formas e sentidos.

No que concerne ao Seridó, os estudos de Silva, Araújo & Medeiros (1994), Coêlho (2000), Branco (2001) e Medeiros (2002) nos dão também importantes indicações para a análise das práticas do *bem morrer*. A historiografia regional também nos dá suporte, por meio do texto de Dom Adelino Dantas (1976). Nele, podemos ver como eram estruturados os assentamentos de óbitos na Freguesia de Sant'Ana do Seridó no século XVIII, além do que o autor nos revela o tratamento dado aos mortos e, principalmente, nos fornece uma estatística dessas mortes.

A Nova História Cultural²¹ vem incorporando cada vez mais novos temas aos estudos científicos. Um exemplo desse novo olhar para o entendimento da vida social recai sobre as pesquisas em torno da morte e suas representações. Mesmo assim, o homem da atualidade procura fugir à ideia da morte. Antes, o indivíduo conhece o morto, para só mais tarde ter consciência da morte. Este pensamento de rejeição pode ser explicado pelo desejo de imortalidade alimentado pelo homem, que, mesmo com a certeza de sua limitação, parece não se conformar com essa *partida*, o que lhe propicia a criação e a manutenção de perspectivas e formas para afirmação de sua existência. O conhecimento em relação à morte cria a negação desta, porém essa ideia de finitude da vida e o temor a ela “persegue o animal humano como nenhuma outra coisa: ela é um dos maiores incentivos da atividade humana – atividade em grande parte destinada a evitar a morte, a vencê-la negando de algum modo ser ela o destino final do homem”. (BECKER, 1995, p. 9)

²¹ A expressão *Nova História Cultural*, neste estudo, define o conjunto de práticas historiográficas e teóricas que se manifestaram a partir das novas abordagens da terceira geração da escola dos *Annales*. Essa nova forma de se interpretar os fatos históricos buscava fugir de uma história historicizante, que se negava a dialogar com as demais ciências humanas. Assim, a Nova História Cultural traz uma nova forma de abordagem da cultura, mostrando a história não mais como uma mera história do pensamento, na qual se estudavam os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. “Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. PESAVENTO, op. cit. 2004, p. 15.

De acordo com Edgar Morin (1970), o homem, mesmo com a certeza de sua mortalidade, nunca está absolutamente seguro disso. A sociedade atual constrói discursos em favor da vida que buscam silenciar a morte; isso porque a morte elimina o corpo, entretanto, mesmo sem ser discutida, ela não se subtrai do cotidiano dos vivos. Além disso, ao negar a morte, o homem demonstra que se sente ameaçado por ela.

Vários foram os especialistas que se inclinaram sobre os estudos científicos acerca da morte e suas representações, contudo as pesquisas que tratam das atitudes em torno do ato de morrer têm seus maiores expoentes e pioneiros na Europa - Philippe Ariès (1989) e Michel Vovelle (1991). No Brasil, estudos como os de João José Reis (1991 e 1997) são hoje referências obrigatórias para a investigação sobre o assunto.

Este estudo está dividido em três capítulos. No primeiro, *Freguesia de Sant'Ana: o recorte da pesquisa*, fazemos uma breve contextualização da freguesia, dando ênfase ao seu processo de colonização e ocupação e apresentando um primeiro rascunho a respeito *de como se viu a morte* nesse espaço. Nesse sentido, traçamos considerações sobre os mecanismos utilizados pela população seridoense dos séculos XVIII e XIX na busca pela salvação de sua alma. Por fim, lançamos uma discussão sobre a forma como esse *encontro final* foi organizado.

No segundo capítulo, nomeado de *Representações da morte no Seridó*, analisamos como o homem do Seridó encarava a morte, e o encontro deste com sua *viagem derradeira*, a partir dos ritos fúnebres, providências com as quais ele organizava sua representação em torno da morte, a saber: os pedidos de local de sepultura, de indumentária mortuária, de recebimento de sacramentos e, principalmente, a preocupação com o destino de sua alma, expressos claramente nos testamentos, elementos catalisadores da salvação. Desse modo, tornou-se necessário enfatizarmos a participação da Igreja Católica, que se constituiu em força essencial no processo de difusão das representações em torno da idéia de vida eterna. Assim, buscamos analisar as práticas mortuárias oficiadas na Freguesia de Sant'Ana, as quais se estabeleceram entre a população como sendo um elo no deslocamento deste ao outro mundo.

No terceiro e último capítulo, *Cartografando a morte: lugares de sepultamento na geografia mítico-religiosa da salvação*, apresentamos os *caprichos da morte*. Esse é o momento em que analisamos os pedidos de sepultamento,

trazendo a cartografia da morte (no Seridó, até 1856, os enterramentos se realizavam no interior das igrejas) e buscando reconstruir esse imaginário em torno da morte no sentido de apresentar uma melhor compreensão de nosso tema. Nesse capítulo, procuramos mostrar a importância dessa *geografia celeste* no imaginário social seridoense. Através da análise documental, foi possível percebermos qual a compreensão que a população tinha em relação à morte, à salvação e, ainda, seus anseios para com a vida eterna. Ainda lançamos uma discussão sobre o processo de mercantilização da morte, quando, motivados pelo discurso médico sanitário, os enterramentos deixaram de ser celebrados em local sagrado, no interior dos templos católicos, para acontecerem nos cemitérios públicos. Desse modo, tentamos entender como os costumes mortuários foram se modificando no Seridó dentro desse contexto de secularização cultural e mercantilização dos rituais fúnebres.

Finalmente esboçamos algumas considerações com o intuito de problematizar o tema que nos propomos estudar como forma de apresentar uma melhor compreensão, buscando abrir caminhos e deixar algumas indicações que possam ser seguidas por novos pesquisadores. Por se tratar de um tema pouco problematizado na historiografia brasileira, compreendemos que as abordagens inscritas neste estudo não se pretendem como definitivas. A experiência em discursar sobre a temática deve mesmo ser compreendida como uma pista para novas investigações. Assim, com nosso trabalho, pretendemos oferecer uma contribuição à historiografia de nossa sociedade, notadamente no campo de estudo do imaginário e das práticas culturais.

57

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada é mais importante para o homem do que suas idéias, seus sentimentos e anseios. E a imagem da morte talvez seja uma dessas representações que nos acompanha por toda a vida. Nascemos, crescemos e vivemos construindo ou executando nossos planos mais sensíveis e lutamos para distanciar, ou melhor, afastar a idéia desse acontecimento.

Nesta dissertação, buscamos compreender as atitudes perante a morte expressas por meio dos rituais da encomendação da alma, dos pedidos de

sufrágios, da escolha de hábito mortuário, dos sacramentos recebidos momentos antes da morte e pelo enterramento no interior dos templos, práticas inerentes ao pensamento cristão católico na Freguesia de Sant'Ana, uma porção do Seridó que teve sua economia baseada no cultivo da cana-de-açúcar e na pecuária. Apresentando características fortemente religiosas, como a devoção aos santos padroeiros, o Seridó, desde os tempos coloniais, cultivou uma vida social comunitária na qual as pessoas constroem relações particulares. Essas características são próprias das sociedades que Roberto DaMatta chamou de *relacionais*, com costumes e crenças bastante visíveis.

A partir da idéia de um espaço com identidade própria, procuramos investigar o sentimento perante a morte, buscando entender a visão que o seridoense tinha em torno dessa passagem, enfatizando sua preparação e cuidados durante os séculos XVIII e XIX. Pelos estudos de Ariès, percebemos que as mudanças no estilo de morrer no Brasil se delinearam em meados do século XIX. As epidemias, a criação de cemitérios públicos e o próprio discurso médico, bem como o fim dos enterramentos *ad sanctos*, foram os pontos catalisadores de tais mudanças.

Para compreender o processo ritual que cercou a morte no Seridó desse período, foi importante, antes de tudo, buscar o entendimento a respeito da colonização e ocupação desse espaço, atravessando o curso da evangelização ao qual foi submetido.

O referencial teórico que utilizamos compreende autores que discutem histórica e metodologicamente o tema dentro de uma abordagem dada pela Nova História Cultural, que propõe uma nova forma de a história trabalhar a cultura. Nesse sentido, não buscamos fazer uma história tradicional ou intelectual, enfatizando os grandes nomes, mas sim trazer uma percepção de cultura como um conjunto de significados partilhados e constantemente construídos, observando esse conjunto de características humanas como uma forma de expressão e tradução da realidade, mediante sua instituição simbólica. Diante das discussões que se apresentam, podemos considerar que as atitudes perante a morte no Seridó nos revelam a grande preocupação que a população tinha com a salvação da alma, clamando aos céus para que Deus as aceitasse na *glória para que sua alma foi criada*. O conceito de *circularidade cultural* e o *método indiciário* foram fundamentais nesta análise.

A análise documental traduziu que o seridoense tinha um extremo cuidado com os perigos que a morte poderia levar para o *outro mundo*. O temor da *passagem* para a vida além da morte e o medo de um destino incerto moveram muitos seridoenses a lavrarem seus testamentos, dando uma nova orientação a sua vida terrena. Inquietações materiais e/ou espirituais se faziam presentes nesse momento, atitudes imersas em significações culturais e eminentemente religiosas. Não restam dúvidas de que as atitudes e representações em torno da *boa* morte que encontramos no Seridó são concepções de uma sociedade particular com costumes que se coletivizaram.

A morte parece ser encarada como uma passagem. Essa percepção implica a existência de um outro mundo, o purgatório, para onde iriam as almas que esperavam o julgamento final, aquelas que não eram puras mas que não estavam totalmente impuras, tendo, portanto, com a ajuda dos vivos, a possibilidade de salvação. A certeza de uma vida após a morte era caracterizada especialmente por ações que o indivíduo realizava em vida, um ritual que se fazia imprescindível e que se iniciava com a encomendação da alma ao Pai Eterno, a Maria Santíssima, aos anjos e santos do céu, além dos casos em que se incluíam preces à Senhora Sant'Ana, padroeira da Freguesia do Seridó ou a outros padroeiros. Desse modo, pode-se dizer que a morte, no Seridó, é perpassada pelo imaginário social de que a ida para o outro mundo necessita de tempo e espaço, e que não significa apenas deixar de existir; é, antes de tudo, uma avaliação da vida aqui na terra.

A idéia de morte cultivada pelo seridoense não era a de um momento individual, pois, ao se aproximar o fim, o moribundo não se isolava num quarto de hospital. Os estudos de João José Reis nos mostram que o isolamento nos hospitais causou a perda do controle da morte por parte da Igreja, passando esse momento a estar submetido aos saberes médicos, o que Phillippe Ariès chamou de *morte interdita*. Pelo contrário, o seridoense dos séculos XVIII e XIX esperava seu fim em casa, no quarto em que dormia, rodeado de parentes e amigos. Desse modo, a morte não se separava da vida, e o desejo de não afastar os mortos dos vivos manifesta-se no costume de enterrá-los dentro das igrejas.²² Espaço de grande sociabilidade, os templos eram a casa de Deus e, sob seu teto, entre imagens de

²²As igrejas brasileiras serviam de salas de aula, recinto eleitoral, auditório para tribunal de júri e discussões políticas. Nesse espaço, o morto se integrava à dinâmica da vida. REIS, João José. op. cit. 1999, p. 172.

santos e de anjos, deviam também ser abrigados os mortos, até a ressurreição prometida para o fim dos tempos.

As representações do *bem morrer* evidenciadas pela sociedade seridoense dos séculos XVIII e XIX nos permitem perceber como a população da Freguesia de Sant'Ana encarava a morte naquela época. Os sinais evidenciados na análise dos documentos nos mostram as concepções culturais de uma sociedade eminentemente católica cujo receio de ir para inferno ou a incerteza do paraíso proporcionavam um desprendimento pessoal, de modo a conduzir o indivíduo a revelar suas últimas pretensões à Justiça Pública.

A Igreja patrocinou e propagou muito esse pensamento de salvação: a documentação eclesiástica fornece indícios reveladores de toda uma série de sufrágios concretizados em favor das almas *em vias de salvação*. Um dos aspectos mais valorizados, dentre as representações em torno da morte que as fontes da pesquisa desvendaram, foi o enterramento no interior dos templos, como meio para o morto salvar a alma e possuir o reino dos céus. Ser sepultado em solo sagrado era garantia de que o corpo teria bom descanso e de, estando próximo às relíquias dos oragos, terem muito mais oportunidade de remissão. Grandes incentivadoras da vivência cristã e um dos principais veículos de manifestação do catolicismo popular, as irmandades se responsabilizavam por essa salvação dando ao fiel atendimento espiritual em vida e ajudando-o na chegar ao paraíso, através de uma sepultura digna, acompanhada dos sufrágios da alma.

As práticas mortuárias quase sempre reproduziam a posição socioeconômica do moribundo, portanto a morte deixava clara a diferenciação entre as classes sociais. Os poderosos, *homens de posse*, eram mais fortes e minuciosos nos discursos da morte, ao contrário dos *homens simples*, especialmente quanto aos pedidos feitos e às esmolas pagas por cada missa.

Essas foram algumas de nossas avaliações, após os estudos realizados ao longo deste trabalho

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

_____. **O homem perante a morte**. 2 ed. Tradução de Ana Rabaça. Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária. v. I e II, 1977.

AZZI, Riolando. **Razão e fé: o discurso da dominação colonial**. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Pensamento Filosófico)

_____. **O altar unido ao trono: um projeto conservador**. São Paulo: Paulinas, 1992. (História do Pensamento Católico no Brasil, v. 3)

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. 2 ed. Tradução de Luiz Cláudio do Nascimento Silva, Revisão técnica José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Record, 1995.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião**. Organização Luiz Roberto Beneditti. Tradução José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

61

BEZERRA, Paulo. **Cartas dos sertões do Seridó**. Natal. Lidador, 2000.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu pensamento e seu futuro. *In*: _____. **Os métodos da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 45-59.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. Anúbis, ou o culto dos mortos. *In*: _____. **Anúbis, ou outros ensaios: Mitologia e folclore**. 2 ed., Rio de Janeiro: FUNART/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Bertrand, 1990.

COELHO, Maria da Conceição Guilherme. **Entre a terra e o céu: viver e morrer no sertão do Seridó – séculos XVIII e XIX**. 2000, 101f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2000.

COSTA, Iraci del Nero da. **Registros paroquiais: notas sobre os assentos de batismos, casamentos e óbitos**. <<http://www.planeta.terra.com.br/educacao/ned/iddcosta/artigos.htm>>. Acesso em: 27 mar 2002.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DANTAS, Dom José Adelino. **De que morriam os sertanejos do Seridó antigo?** *Tempo Universitário*, Natal, v.1. n.1, p. 131 – 136, 1976.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)**. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003. (Coleção Ciências Sociais, v. 1 e 2)

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos: seguido de “envelhecer e morrer”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FARIA, Juvenal Lamartine. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

FARIA, Sheila de Castro. **A Colônia em movimento**: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

_____. *História da Família e Demografia Histórica*. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.

HENRY, Louis. O Levantamento dos registros paroquiais e a técnica de reconstituição de famílias. In. MARCILIO, Maria Luiza. **Demografia Histórica**: orientações técnicas e metodológicas. São Paulo. Pioneira, 1977.

63

KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. Tradução de Luís da Câmara Cascudo, 2 ed. Recife, [s. n.], 1978. v. 17.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In. _____.(org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERj, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Documento monumento*. In. **História e memória**. 3 ed. Campinas. Edunicamp. 1997, p. 535-53 (Coleção Repertórios).

_____. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. **O nascimento do purgatório**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó**: espaço e história no regionalismo seridoense, Natal: Edições Sebo Vermelho, 2005.

MARTINS, José de Souza. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. **Revista Estudos Avançados**. Recife, v. 16, n. 45, maio/ago. 2002.

MATTOS, Maria Regina Mendonça. **Vila do Príncipe (1850-1890) – Sertão do Seridó**: um estudo de pobreza. 1989, 247f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1989.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. *In*: S. Figueira (Org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MEDEIROS, Katiane Silva de. **Faces da morte**: rituais fúnebres no Seridó. 2002, 56f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2002.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Caicó, cem anos atrás**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

_____. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

_____. **Velhos inventários do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983.

MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó**: subsídios para a história completa do município. Recife: Escola Salesiana de Artes Gráficas, 1945.

MORAES, Douglas Batista. **Bem nascer, bem viver, bem morrer**: Administração dos Sacramentos da Igreja Católica em Pernambuco, 1650 a 1790. 2001. 111f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. 2004. 448p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2 ed. Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, 1970, v. 19.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte, 2 ed., Autêntica, 2004. 132p. (Coleção História &... Reflexos, 5)

REIS, João José. **A morte é uma festa: rituais fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. *In*: ALENCASTRO, L. F. de. (org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 1991. v. 2.

RODIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: transformações dos costumes fúnebres do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração.1999.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: ACHIAMÉ, 1983.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERj, 2001.

STANCZYK FILHO, Milton. **Instrumentos de pesquisa: indicadores possíveis na exploração de testamentos e inventários *post-mortem***. Artigo publicado nos ANAIS da V Jornada Setecentista, realizada em Curitiba-MG de 26 a 28 de novembro do ano de 2003.

65

SILVA, José Carlos Barros. **Na hora de nossa morte: as práticas governamentais de assistência ao morto**. Dissertação (Mestrado em História), João Pessoa, 1996.

SIMMEL, George. **A metafísica da morte**. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Política e Trabalho, 1998.

SOARES, André Luis R.; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. **Arqueologia da morte: enterro de índio, vida de jesuíta, história que se escreve em cacos**. *Cadernos do CEOM: representações do corpo e da morte*, Chapecó, n. 16, p. 275-289, dez. 2002.

SOUZA FILHO, Alípio de. **Medos, mitos e castigos: notas sobre a pena de morte**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões de nossa época). v. 46.

BREAT, Herman; VERBEKE, Werner. **A morte na Idade Média**. Ensaio da cultura 8, Edusp, 1996.

_____. **Ideologias e Mentalidades**. Tradução de Maria Júcia Cottvasser. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.